

Apresentação

*Leticia Bicalho Canêdo**

Originadas por um mesmo paradigma, as identidades de cada um dos Estados-nação existentes no mundo contemporâneo efetuaram-se num quadro de intensos intercâmbios e debates internacionais. Entretanto, paradoxalmente, é a alegação da singularidade de cada uma dessas identidades que justifica os sangrentos conflitos, reeditados, ainda hoje, no quadro dos Estados-nação. Os mitos fundadores da nação, os heróis que representam as virtudes nacionais, a língua, a literatura, a raça, o costume, as especialidades culinárias e todos os demais elementos simbólicos que costumam estar presentes em demonstrações de nacionalismo, tais como cerimônias de Copa do Mundo, publicidades turísticas, feiras internacionais ou visitas de chefe de Estado reforçam, ao preço de um gigantesco trabalho, teórico e prático, uma identidade nacional singular que nos torna prisioneiros de evidências herdadas e que não parecem muito ameaçadas num mundo que se pretende globalizado.

Por meio da literatura e do teatro, os artigos reunidos neste número da revista *Pro-Posições* trazem contribuições bastante úteis para pensar este paradoxo, pois nos ajudam a perceber – nas trajetórias, obras e movimentos de escritores e artistas – as singularidades nacionais sendo construídas como parte da preconfiguração do campo de poder em escala internacional. O dossiê no seu conjunto permite entender como o processo para transformar produções intelectuais em produções nacionais contribui para naturalizar as fronteiras políticas, o que faz desta alquimia um dos elos fundamentais dos modos modernos da dominação política. Construir uma literatura nacional, como mostra Vassili Rivron, implica um combate semelhante àquele necessário para impor a legitimidade de um Estado soberano, pois as operações intelectuais de classificação e hierarquização estão ligadas à necessidade de dar corpo, em sentido literal e metafórico, ao coletivo. Ao mesmo tempo, isto não quer dizer que cada espaço cultural nacional não se apóie no campo internacional reconhecido e legitimado e não se refira a ele. Assim, os escritores que reivindicam uma posição política, conforme mais precisamente

* Organizadora do dossiê. Professora, Coordenadora do Grupo de Estudos sobre Instituição Escolar e Organizações Familiares (FOCUS) da Faculdade de Educação da Unicamp. lcanedo@webcable.com.br

analisa Mihai Gheorghiu, são os que conhecem as normas legítimas do espaço intelectual internacional e utilizam-nas, dentro do seu campo nacional, para subverter as normas dominantes. Os artigos chamam a atenção, assim, para o fato de que práticas de poder, entre elas as culturais, que se situam fora do campo político propriamente dito, têm efeito nas relações de força do campo político e, portanto, contribuem para a melhor compreensão dos embates políticos entre as nações. Mas esse efeito não é direto e imediato, pois nem todas as discussões conceituais têm a disputa política por princípio. Compreender o alcance do debate intelectual é, portanto, também explicitar os limites em que se acha circunscrito e em que condições pode repercutir nas lutas políticas imediatas.

Os artigos foram selecionados do colóquio “Escritores e poder político”, realizado pelo FOCUS – Grupo de Pesquisa sobre Instituição Escolar e Organizações Familiares – na Faculdade de Educação/Unicamp. Eles resultam das numerosas missões científicas de pesquisadores, na França e no Brasil, reunidos no projeto *Circulação internacional de universitários e transformação do espaço cultural*¹. Não é surpreendente, portanto, que os trabalhos chamem a atenção para a variedade de idéias, conceitos, paradigmas, normas e práticas que intelectuais e artistas, em circulação, passam através e acima das fronteiras nacionais. Da mesma forma, não é de admirar que os autores aqui presentes privilegiem, entre as várias modalidades e formas de circular, o deslocamento do corpo para as viagens ao exterior, seja em missão de estudos, como no caso de Gilberto Freyre, estudado por Elide Rugai, seja em missão cultural, como o caso da que foi liderada por Louis Juvet, analisado por Heloisa Pontes, seja ainda em missão diplomática, como lembra Vassili

1. O projeto *Circulação internacional de universitários e transformação do espaço cultural* é apoiado pelos acordos CAPES-COFECUB e está sediado no Focus/FE/Unicamp. Dele fazem parte, também, pesquisadores de outras universidades brasileiras, como UFSCar, UFMG, UFF e UFRGS. Na França, a equipe se compõe de pesquisadores pertencentes a diversos centros da *École des Hautes Etudes en Sciences Sociales*: CEMS, CRBC, CSE, e também do CNRS. As pesquisas conduzidas por essa equipe de pesquisadores foram objeto de diferentes publicações. Menciono, entre as publicações coletivas, o livro *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras*, publicado pela Editora da Unicamp em 2004, os dossiês “Le Brésil et le marché mondial de la coopération scientifique”, *Cahiers du Brésil Contemporain* (v.59/60, n.57/58: “A expansão da escolarização”, *Pro-Posições*, v.15, n.2 (44), maio/ago. 2004. Ver também “Education et champ du pouvoir au Brésil”, *Information sur les sciences sociales* (v.40, n.4, déc. 2001). Entre os artigos, ressalto o escrito pelos dois coordenadores da pesquisa, Afrânio Garcia e Leticia Canêdo: “Bolsistas brasileiros e doutorados internacionais”, *Diálogos entre o Brasil e a França: formação e cooperação acadêmica*. In: MARTINS, Carlos Benedito (org.). Recife: FJN, Ed. Massangana. Os trabalhos deram origem a dois colóquios na Faculdade de Educação: *Circulação internacional e a nova ordem de conhecimento*, em 2004, e *Intelectuais e Poder Político*, em 2005, motivo do atual dossiê da *Pro-Posições*. Os trabalhos do colóquio *Circulação de universitários e renovação do espaço cultural*, realizado no CRBC-EHESS, em Paris, como os anteriores, serão publicados em revista francesa.

Rivron a propósito dos mandatos oficiais de Ronald de Carvalho e Osório de Oliveira, ou mesmo o exílio, como demonstrado por Mihai Gheorghiu no casos dos intelectuais dissidentes na România. O deslocamento físico ajudaria a explicar a facilidade relativa com que, nos contextos e lugares mais diversos, um conjunto de objetos em circulação repercute nos espaços políticos e culturais dos Estados-nação. Esses objetos que implicam processos de seleção, filtragem, tradução e constituição de redes internacionais e nacionais revelam os usos que intelectuais e artistas fizeram do contato que tiveram com outras nações, indo da dramaturgia aos conceitos sociológicos.

O dossiê possui dois eixos. O primeiro trata dos usos políticos da circulação internacional na trajetória de escritores – portugueses, romenos e brasileiros –, em conjunturas sócio-históricas muito diferentes. O segundo está voltado para a presença estrangeira nas companhias de teatro e seu impacto para a formação de um teatro brasileiro, visto em dois tempos: o final do século XIX e a década de 1940.

No primeiro eixo, Vassili Rivron, por meio da trajetória de dois poetas-diplomatas em postos oficiais, o brasileiro Ronald de Carvalho e o português Osório de Oliveira, traça o processo transnacional de construção do modelo identitário nacional brasileiro nos anos 1920-1930. Para tal, analisa toda uma gama de estratégias utilizadas no registro histórico da cultura brasileira, especificamente no que diz respeito às redes internacionais nas quais circulam e se manifestam as correntes literárias para conquistar a legitimidade. Elide Rugai, também partindo de postos institucionais ocupados por Gilberto Freyre após viagens internacionais - em especial aos Estados Unidos - trata dos efeitos da atuação deste sociólogo como formulador de políticas de ação para diferentes órgãos governamentais. Com base em dois elementos-chave presentes na obra deste autor – o orientalismo da formação nacional e o tropicalismo da dimensão regional – ela reflete a respeito do caráter político dos argumentos sobre a singularidade da sociedade brasileira frente às européias, situando-os na base da interrogação sobre a não-adoção, no Brasil, de medidas sociais e políticas universais. Do outro lado do Atlântico, Mihai Gheorghiu enfoca as mudanças sofridas pelo círculo dos escritores romenos ao longo dos quinze anos que se seguiram à queda de Ceausescu, em especial o papel jogado por eles naquele período de transição política. A partir da formação do Grupo de Diálogo Social, composto por historiadores, literatos, filósofos e sociólogos, e que atua com base não apenas nos contatos internacionais que grande parte do grupo estabeleceu com os Estados Unidos durante o exílio, mas também na visibilidade na mídia internacional e no pertencimento a grupos familiares de longa história no país, o autor reflete sobre a reconstrução da sociedade civil pós-soviética. Vemos, assim, questões centrais para os antigos países socialistas abrindo horizontes para questionamentos das sociedades ocidentais, entre elas a brasileira. Fechando este eixo, o artigo de Rui Moreira Leite trata de um conjunto expressivo

de intelectuais de oposição ao regime salazarista que adotou a cidadania brasileira, salientando que, ao contrário de muitas outras missões portuguesas, esta esteve presente em universidades de praticamente todas as regiões do Brasil, estendendo sua influência ao jornalismo, ao teatro e às artes plásticas.

O segundo eixo deste dossiê chama a atenção para algo que ainda não foi bem estudado no Brasil: os grupos e os indivíduos nacionais e estrangeiros envolvidos na construção do teatro brasileiro. O artigo de Heloisa Pontes sobre a chegada da Cia. de Jovet, que desembarcou no Rio de Janeiro em 1941, sob o patrocínio do governo de Vichy, restitui esta história. Seu artigo revela não só as notáveis transformações que se produziram no teatro brasileiro com a presença dessa companhia (entre elas o espaço que garantiu às atrizes), como também todo um imaginário político existente no Brasil, fundado na soberania nacional da França. A leitura do artigo de José Leonardo Nascimento sobre as críticas da imprensa diária, em especial o hebdomadário satírico, sobre a adaptação para o teatro do romance *O Primo Basílio*, de Eça de Queiroz, no ano de 1879, completa bem o entendimento do quadro de renovação do teatro brasileiro analisado por Heloisa Pontes. José Leonardo mostra o frágil peso do teatro na cultura carioca dos anos 1870, a função atribuída a ele, além dos pressupostos estéticos das análises críticas da época, incluindo as de Machado de Assis e as da satírica *Revista Illustrada*, dirigida por Angelo Agostini.

Acredito que este dossiê da *Pro-Posições* não só fornece instrumentos de análise e de compreensão sobre circulações transnacionais de conhecimentos, de idéias, de escritores e de artistas, como traz contribuições significativas, a partir de pesquisas empíricas, contra a tentação de abordagens apressadas sobre o que se denomina hoje “globalização”. Entre estas abordagens apressadas, a que se percebe na fala de muitos pesquisadores em encontros acadêmicos é a de se resvalar para o papel do intelectual orgânico da globalização, na sua versão pós-nacional, desempenhando, assim, a função similar àquelas dos escritores e artistas, como os que estão presentes neste dossiê, que contribuíram para a legitimação dos Estados-nação.